

O ESTILO DO OFÍCIO

Luciana Artacho Penna*

Pregado em perigosíssimo terreno de disputas político-religiosas (a Europa ou protestante ou contra-reformista do século XVII¹), é por meio de copioso e variadíssimo proliferar de alegorias e toda sorte de recursos retóricos que o *Sermão da Sexagésima* examina a arte do reto pregar, em ramificar de questões que conduzem, contudo, a um único ponto, conclusão e cerne do sermão: "sabeis (cristãos) a causa por que se faz, hoje, tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus" (p. 29). Reto pregador do *uerbum dei*, Cristo é exemplo daquele que emprega as palavras de Deus no sentido em que Deus as disse, ao contrário do diabo: "a razão é porque Cristo tomava as palavras de Deus em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido: e as mesmas palavras, que tomadas em seu verdadeiro sentido, são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio são armas do diabo" (p. 30). Pouco antes da peroração, prescrito, não mais se submete a exame o que deva ser entendido por "verdadeiro sentido" da palavra de Deus: procurá-lo, ao longo das vias prescritas para o reto pregar, será examinar como em sua modelagem o *Sermão da Sexagésima* abre caminho para a melhor compreensão da significação preceituária própria às letras do pe. Antônio Vieira.

Modelando a mais reta via para o pregar, o sermão modeladamente a perfaz, com forja que regradamente regra; há de o sermão pregar a palavra de Deus, e é a partir da parábola do semeador que se faz toda consideração sobre as circunstâncias que concorrem para o reto persuadir: "Diz Cristo, que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina (...). Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão. Os que semeiam sem sair são os que se contentam em pregar à Pátria" (p. 3 e 4). Em ação presente, particularizada a narrativa da Escritura, é precisamente pela associação ao acontecimento bíblico passado que se descobre a significação do fato presente, exemplar se análogo à Escritura, reprovável se a Ela carece de se igualar: "todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a sementeira; aos que vão buscar a seara tão longe, hão lhes de medir a sementeira e hão de lhes contar os passos. Ah dia do juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais Paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare*" (p. 4).

*Professora da Universidade de São Paulo

1. O *Sermão da Sexagésima* foi pregado na Capela Real em 1665. Leia-se as referências que a ele se fizer in VIEIRA, pe. A. *Sermões*. Porto, Lello & Irmãos, Editores, 1969.

A analogia entre dois acontecimentos, um presente, outro bíblico, intenta revelar a vontade divina, exemplo a ser imitado presentemente pelos homens para que a Ela possam-se mais retamente conduzir. Tal analogia, dita **allegoria in factis**, alegoria dos teólogos ou tipologia, por oposição à **allegoria in uerbis**, ou alegoria dos poetas², fundamenta-se na idéia de que Deus teria escrito dois livros, o Mundo e a Bíblia, que o simbolizam: "operada como hermenêutica (...), decifra significações tidas como verdades sagradas ocultas na natureza sob a aparência das coisas e também na linguagem figurada das escrituras"³. Tudo no mundo sendo figura de Deus, a história se faz também metáfora da Eternidade: no passado o futuro já se encontra, força profética de todo exemplo bíblico que transforma a visão do presente no exame do que já foi e do que será⁴. Consumados na Eternidade os tempos, o livre-arbítrio torna, entretanto, o presente ocasião da boa ação: revelar os desígnios divinos para que neles pautem os homens sua atuação presente é o que com toda alegoria factual se intenta no sermão. Escritura e história são portanto seara fértil⁵, **loci da Inuentio** onde se encontram os argumentos privilegiados do persuadir que mova à ação: tenção de todo militante contra-reformista do século XVII, regrar a atuação dos homens no mundo, eis o seu fim.

Procedimento a encaminhar em via segura o conhecimento dos divinos desígnios, a alegoria factual não é, todavia, prática em que o sermão possa

2. Na alegoria dos teólogos, posto que sejam ambos os termos figura de um sentido próprio, inscrito na Eternidade, "os fatos significantes e significado são ambos postulados como acontecimentos reais e concretos (...) Quando se considera o episódio bíblico do sacrifício de Isaac como figura do sacrifício de Cristo, nem o acontecimento prefigurante (Isaac) nem o acontecimento prefigurado (Cristo) perdem, pela força da relação figurativa que os une, a sua realidade histórica e literal"; na alegoria dos poetas, um termo figurado substitui um próprio que, fornecido pela *inuentio*, ausenta-se: "assim, ao passo que a Retórica greco-latina teorizou a alegoria como simbolismo lingüístico, os padres primitivos da Igreja a adaptaram, pensando-a como simbolismo lingüístico revelador de um simbolismo natural, escrito desde sempre por Deus na Bíblia e no mundo". HANSEN, J.A. **Alegoria**. São Paulo, Atual Ed., 1986 (p. 50 e 4, respectivamente).

3. HANSEN, J.A. **Alegoria** (p. 43).

4. "Na operação figurativa há, assim, um percurso duplo, prospectivo e retrospectivo. No movimento prospectivo da leitura, a vida humana prefigura sua existência mais plena no Além. Pelo movimento retrospectivo, é o Além que dá o sentido próprio para o mundo terreno figurado." HANSEN, J.A. **Alegoria** (p. 50,51).

5. Leia-se essa afirmação de que história e Escritura são seara logo no início do sermão, exemplo de tudo o que se disse acerca da alegoria factual, e da forte valoração que se dá na Contra-Reforma à atuação presente dos homens no mundo: "mas ainda a (desgraça) do sementeiro do Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que padeceu aqui o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum auit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spinae suffocauerunt illud*; trigo pisado: *Concultatum est*. Tudo isto padeceram os semeadores da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroas (...)", e assim por diante (p. 6).

arrimar-se sem que com ela muitas outras concorram. Postulado apenas da possibilidade de conhecimento dos intentos da Providência, somente a reta via pode conduzir à adequação de seu uso, pois há circunstâncias fora das quais não se encontra a palavra de Deus, tais como a ordem religiosa que a prega e, mesmo na reta ordem, o pregador que dela se serve. O fazer pouco fruto a palavra de Deus pode advir, com efeito, de um de três princípios: "ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a Graça, alumando" (p.10).

Muito se esmera o trecho na causa jesuítica, ao não só fazer menção da Graça, como ao fazer também caso da doutrina e do entendimento; ao fazê-lo, contra o livre exame defendido pelos protestantes, postula a Igreja via única para a revelação ("há de concorrer o pregador com a doutrina"); contra a crença também protestante da incapacidade de os homens conhecerem a vontade divina, postula todos capazes de fazê-lo ("há de concorrer o ouvinte com o entendimento")⁶. Estabelecida a necessidade de mediação da Igreja na comunhão de Deus com os homens, se o fazer pouco fruto a palavra divina tem como causa precípua o pregarem outras palavras que não as de Deus, é parte desta causa que de Deus não é a palavra que da Igreja não for⁷.

Três são, desse modo, as circunstâncias que devem concorrer para que faça fruto a palavra de Deus, duas dentre as quais são eximidas: Deus

6. "Turning first to the Lutheran view of the Church, the Thomists recognise a special need to be able to confront and demolish two major Lutheran heresies: the doctrine of *sola scriptura*, with its accompanying dismissal of Catholic tradition; and the key contention that the true Church is nothing more than a *congregatio fidelium*, with its consequent rejection of all ecclesiastical hierarchies and its denial of the law-making powers of the Pope". SKINNER, Q. **The Foundations of Modern Political Thought**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1978. (Vol. II, p. 138, 138).

7. Não se faz sem motivação o postulado da necessária mediação da Igreja na comunhão de Deus com os homens, visto que se justifique pela idéia tomista de analogia aplicada à noção de causa, que tanto fruto fez na retomada jesuítica da escolástica: en suivant le mouvement de Salamanque, saint Ignace (...) contribuait à procurer l'hégémonie de la Somme de Saint Thomas, destinée à devenir le livre de texte dans le grand nombre d'universités et de collèges que la Compagnie de Jésus allait fonder ou diriger" (VACAN, A. et alii. **Dictionnaire de Théologie Catholique** (Tomo 8, p. 1013). Na Suma, leia-se, em cada uma das cinco vias pelas quais se prova a existência de Deus, o mesmo: Deus é Causa Primeira de tudo, que são seus efeitos. (AQUINO, S.T. **Suma Teológica**, II, III). Mas, a Ele, não somente as criaturas são análogas, como também seu ordenamento: "pour qui comprend le sens de cette idée, le monde chrétien prend donc l'aspect d'un monde sacré, dont la relation à Dieu est inscrite dans son être, comme dans chacune des lois qui en régente fonctionnement. GILSON, E. **Le Thomisme**). Regendo a criação, a lei natural e a positiva impõem ordenação vertical, reta via a encaminhar os homens a Deus: hierarquizado, o mundo escolástico é "feito pirâmide (...) que vai se elevando gradualmente para Deus, onde a cada um caberia a tarefa única de buscar o locus naturalis que lhe é devido". (PECORA, A. **Teatro do Sacramento** Tese de Doutorado apresentada a F.F.L.C.H. da U.S.P., p. 207).

("por parte de Deus não falta, nem pode faltar. Esta proposição é de fé, defendida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos" (p. 10); e os ouvintes ("não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes" (p.13)). Eximidos Deus e os ouvintes, declara-se então a culpa dos pregadores: "sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por causa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa nossa" (p. 13).

Condenados os pregadores, examinam-se então as cinco circunstâncias que lhes dizem respeito: a pessoa, o estilo, a matéria, a ciência, e a voz. Acerca da primeira, a pessoa do pregador, faz-se o elogio daquele que prega não só com palavras mas principalmente com ações, lugar comum da militante pregação jesuítica⁸, já desenvolvido na alegoria factual com que se abre o sermão.

Quanto à segunda circunstância examinada, o estilo da pregação, prescreve-se palavra tal qual "flor" que, eloqüente, "nasça no coração" dos homens; central, a questão que se considera acerca do estilo é a da recepção do discurso (o "coração" dos ouvintes). Pública revelação da palavra de Deus, as palavras no sermão devem ser como as estrelas: "as estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que o estilo pareça baixo: as estrelas são muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem; e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para a sua lavoura, e o mareante para sua navegação, e o matemático para suas observações e os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrelas, e o matemático que tem lido quanto escreveram não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: estrelas que todos as vêem, e muito poucos as medem" (p. 20).

Sumo assunto, o **uerbum dei** em sublime **sermo** prescreve-se dizer, adequação da enunciação ao assunto, decoro interno do texto pela retórica

7. Desejada por Deus, a hierarquia é modo divino, e por isso natural, de ser o mundo: "vários motivos concorrem, portanto, na hierarquia: natural, visível nas leis positivas da cidade e nos ritos e sacramentos da Igreja, regula a unidade sagrada do corpo de Estado, a pluridade dos membros e a diversidade de atribuições segundo um fim, o da única vontade unificada no bem comum (...). Fundada no direito natural, é racional, ordenada, regulando-se teologicamente e eticamente. Sua manutenção opõe-se ao pecado e à heresia, pois assegura a concórdia das partes consigo mesmas, pelo controle dos apetites particulares, e a paz do todo, pela unificação das vontades". (HANSEN, J. A. **A Sátira e o Engenho**. São Paulo, Cia das Letras-Secretaria do Estado da Cultura, 1989. p.82).

8. Em Diego de la Vega: "de tal manera había de viver un predicator, que quando lo veisen ir por la calle dicesen: veis allí el sermón puesto por obra". VEGA, D. **Empleo e Ejercicio Santo**, 1604 in VIEIRA, M. **A Oratória Barroca de Vieira**. Lisboa, Editorial Caminho, 1989. (p. 153)

sempre prescrito⁹; externo, entretanto, deve ser também o decoro, pois é pública a enunciação, prescrevendo-se aos ouvintes adequá-la, clareza de entendimento necessária à propaganda¹⁰. A palavra divina requer no estilo elevação como a das estrelas; o entendimento dos ouvintes, distinção e clareza; mas se deve o sermão ser qual estrelas, que todos "vêem", e muito poucos "medem", não se imagine que por isso acredite o pe. Vieira que um discurso não seja artifício (como as referidas "observações" e os "juízos" acerca das estrelas feitos pelos matemáticos que, "sem entender quanto nelas há", apenas as "medem"): é preceito antigo, e também recomendado no século XVII ibérico, o dissimular a arte, com vistas a que pareça natural¹¹. Num sermão, prescreve-se, pois, todo artifício que, pertencente a estilo elevado, sirva à clareza, não devendo haver, portanto, palavra que não se faça entender: "é possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português, e não havemos de entender o que ele diz?" (p. 12).

Combatendo a obscuridade, o sermão navega com rumo certo, mas contra o efeito que com muita ênfase se prescreve pelos tratadistas de então: "L'INGEGNO naturale, é una marauigliosa forza dell' Intelletto, che comprende due naturali talenti, PERSPICACIA, & VERSABILITA. La Perspicacia penetra le più lontane & minute Circonstanze di ogni soggetto (...). La Versabilità velocemente raffronta tutte queste Circonstanze infra loro, ò col Soggetto: le

9. "Isid. 2,17,1 dicenda sunt... incitata grauter; 2,17,2, in causis... maioribus, ubi de deo uel hominum salute referimus, plus magnificentiae et fulgoris sit exhibendum". LAUSBERG, H. *Manual de Retórica Literaria* Madrid, Editorial Caminho, 1984 (pf. 1079, 3a, Tomo II)

10. É o que propõe Emanuele Tesauo: "et per saper l'origine di questi mirabili, & moderni Parti d'ingegno (o conceito predicável), egli è certissimo (...) che la Parola Divina, alcune volte è Cibo, & altre Beuanda. Ella é Cibo, quando si persuade con Argomenti dottrinali, e difficili, che ricercano Vditore attento, & atto à maticarli. Ella é Beuanda, quando si persuade con Argomenti così facili & piani, che ancora vn debile & vulgare intelletto facilmente il sorbe. Talche, se à bassi ingeni tu porgi Argomenti et Ragioni alte & difficili, & à sublimi, Ragioni plane & vulgari, ne assuerà ciò che disse il Profeta: Nobiles interierunt fame, & multitudo fiti exaurit. Si che tuttal arte degli Evangelici Dicitori consiste nel mescerè inguisa il facile col difficile, che in un Popolo mescolato di Dotti, e Idiotti; ne i Dotti sentan nausea por troppo intendere; ne i Idiotti sentan noia per non intendere: & questa mistura è la vera Persuasion Popolare". TESAURO, E. *Il Cannocchiale Aristotelico*. Herausgegeben und eingeleit von August Buck, Berlin-Zurich, Verlag Gehlen-Bad Homburg v.d.H., 1968 (p. 501)

11. Já nos primeiros conselhos da **Instituição Oratória** se encontra tal advertência: "(...) oculta calliditas (namque ea sola in hoc ars est, quae intellegi nisi ab artifice non possit" (II. V.8). Ou, dentre outros, quando se aconselha a melhor maneira de captar a benevolência do juiz e dos ouvintes: "videtur ars omnis dicentis contra iudicem adhiberi. Sed ipsum istud evitare summae artis". QUINTILIANO **Institución Oratoire** Garnier, s.d. (IV.I. 5657). No século XVII, Emanuele Tesauo, examinando os Concetti per Metafora di Oppositione, comenta uma prédica de Panigarola em que este "usò questa finezza de accoppiare vn soggetto coll'altro". Comentando este procedimento, examina (a citação foi escolhida devido a semelhança entre o procedimento de Panigarola e o uso da confirmatio e da refutatio no Sermão da Sexagésima, como se verá): "in questa guisa va egli contrapuntando, & crescendo la difficultà per far comparir la contraditione. Ma doppo il lingo, & forse troppo lungo, conflitto (**perche mentre si trà così à lungo l'Vditore annoia, e scopre l'arte**) solue alla fine la difficultà con questa inopinata & ingeniosa riflessione". TESAURO, E. *Il Cannocchiale Aristotelico*. (p. 532, grifo meu).

annoda ò diuide; le cresce ò minuisce; deduce L'vna dall'altra; accena vna per l'altra, & con marauigliosa destrezza pon l'vna per l'altra, como i giocolieri i lor calcoli. E questa è la Metafora, Madre delle Poesie, de Simboli, & delle Imprese. E quegli è più ingegnoso, che può conoscere & accoppiar circonstanze più lontane"¹². Quanto mais distantes seus termos, mais engenhosa a metáfora, valoração de obscuridade que se lê no trecho acima citado e no seguinte, ambos do século XVII: "consiste, pues, este artificio conceptuoso (a agudeza), en una primorosa concordancia, en una armónica correlación entre dos o tres cognoscibles extremos, expressada por un ato del entendimiento"¹³.

Brilho da agudeza, o estabelecimento de fronteiras entre os mais longínquos desvãos do mundo é o que condena o sermão: "não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra há de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com seu contrário?" (p. 19).

Ao condenar o uso de agudezas muito sutis (prática, aliás, que é lugar comum dos vitupérios de um a outro pregador no século XVII ibérico¹⁴), o sermão condena a falta de decoro da enunciação aos gêneros de discurso que se dirigem à multidão, em que cada palavra só pode ser examinada de longe, e uma só vez, preceito que já se encontra na *Retórica* de Aristóteles¹⁵, e que será retomado por Horácio em sua *Epístola ad Pisones*, onde serão três os critérios a regular tal decoro: "a) distância ("*si propius stes/ si longius abestes*")", em termos de perto/longe; b) claridade (luz) (*obscurum/sub luce*), em termos de clareza/obscuridade; e c) número ("*semel*/"

12. TESAURO, E. *Il Cannochiale Aristotelico* (p. 82)

13. GRACIAN, B. "Agudeza y Arte de Ingegno" in *Obras Completas*. Madri, Aguilar.

14. "Difícil se toma encontrar neste período maneirista e barroco um pregador, um retor ou um literato que não se refira aos tópicos natureza vs. artifício, claro vs. obscuro, sempre aplicados, no caso da eloquência sacra, à censurada vaidade e exibicionismo do orador, e a sua postura teatral de comediante (...) O padre Manuel Bernardes, na *Nova Floresta*, irá referir-se aos pregadores, amigos de adornar os seus Sermões, com descrições Poéticas, palavras cultas, e selectas, conceitos de filigrana, delicadas, e reluzentes, questões escolásticas, e outros enfeites semelhantes. Sabe Padre por que se vale destas cousas para compor um Sermão? Porque lhe falta cabedal, e juízo para o compor de Escrituras Divinas bem aplicadas". VIEIRA, M.. *A Oratória Barroca de Vieira* (p. 162,3).

15. "Não se pode perder de vista o fato de que um estilo diferente é conveniente a cada gênero de discurso. Composições escritas não são as mesmas dos debates (...). Quando comparados, os discursos escritos parecem fracos nos debates públicos, enquanto os dos retores, ainda que bem proferidos, são imperfeitos quando lidos (...). O gênero deliberativo é exatamente como um desenho sombreado, pois, quanto maior a multidão, mais afastado deve ser o ponto de vista". ARISTOTELES, *The "Art" of the Rhetoric* The Loeb Classical Library, 1939. (III.XII. 1, 2, 3 e 5).

repetitla"), em termos de uma vez/várias vezes. Segundo esses critérios, certas composições escritas, de estilo carregado de ornamentos que as fazem intrincadas, exigem exame feito de perto, repetidas vezes, "obscuritate" (privadamente). Outras composições orais, de estilo pouco ornamentado, exigem exame feito à distância, uma vez, publicamente ("claramente")¹⁶. No século XVII, em seu *Cannocchiale Aristotelico*, Emanuele Tesauro refere o mesmo, ao distinguir os discursos a serem lidos por homens argutos, e discursos dirigidos à multidão: "l' uno si proporziona agl' intelletti di acuta vista, l'altro a quei del popolo, che mirano debolmente e come di lontano (...), quello ai libri, questo alla viva voce si adatta (...), quello è, como le saette, sottile e pungente, questo, come le bombarde, stepitoso e infiammato"¹⁷. De acordo com essa distinção, operada pelo mesmo preceptista citado para exemplificar a obscuridade que com ênfase se aconselha na época, não servem aos discursos dirigidos à multidão "saette, sottile e pungente" como as da agudeza.

A mesma adequação de clareza, ou obscuridade, ao gênero dos discursos é prescrita nas últimas considerações acerca do estilo da pregação; após a condenação dos "cultos", que desbatizam os santos, visto que "cada autor que alega é um enigma", pergunta-se: "se houvesse um advogado que alegasse assim a Bártolo e Baldo, havíeis de fiar dele o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim falasse na conversação, não o havíeis de ter por néscio? Pois o que na conversação é necedade como há de ser discrição no púlbito?" (p. 20). Referindo três circunstâncias próprias ao segundo estilo estabelecido por Tesauro, o fórum, a conversação e o púlbito, o trecho deixa claro que valer-se da obscuridade com maior ou menor intensidade se reduz a uma questão de adequação, quando postula não ser "discrição", num discurso de determinado gênero, aquilo que é "necedade", num outro de mesmo gênero.

Proscrito o uso de agudezas muito sutis, proscree-se a obscuridade que em nada contribui ao entendimento da palavra divina; tal condenação não deve, pois, ser interpretada como se dirigida fora a toda e qualquer agudeza, ou como "incoerência" do sermão por nele se encontrarem vários exemplos dos "azulejamentos" nele condenados. Agudezas não faltam no sermão, com efeito; quando delas se faz uso, contudo, nunca é a obscuridade o efeito que se obtém, visto que, enunciadas, sempre dão lugar a algum comentário que as torna claras ao entendimento dos ouvintes menos, ou muito pouco, agudos. Importa notar ainda que, não obstante tal condenação, há um tipo de agudeza no sermão, a agudeza da *dispositio* dos argumentos, que é empregada sem nenhuma clareza; a razão que justifica seu uso será examinada adiante.

16. HANSEN, J.A. *A Sátira e o Engenho*. (p. 249).

17. TESAURO, E. *Il Cannocchiale Aristotelico*: a cura de Enio Raimondi Torino. Giulio Einaudi editori s.ps.a., 1978. (p.5).

A terceira circunstância examinada, a matéria, diz respeito ao muito ou pouco assunto que se deve levantar num sermão. Prescrevendo variedade de discurso mas que refira uma só matéria, é por meio de uma alegoria verbal que o sermão se defende de ser maneirista¹⁸: "uma árvore tem raízes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria. Deste tronco hão de nascer diversos ramos que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela. Estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios, há de ter flores, que são as sentenças, e por remate de tudo há de ter frutos, que é o fruto, o fim que se há de ordenar o sermão" (p. 22, 23).

Fundamentando-se no todo, o uso de todo recurso retórico se justifica, com efeito; mas assim como fora da alegoria as partes da árvore perdem seu sentido, também o recurso que no todo não se fundamenta é proscrito: "se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são verças. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser, porque não há frutos sem árvore" (p. 23). Tanta alegoria, amplificação, anáfora, e todo e qualquer recurso, nos sermões, não devem ser "exibição da virtú de seu criador"¹⁹, mas adequação aos preceitos próprios ao reto sermão, na reta ordem da Igreja proferido, por pregador que, com claras e altíssimas palavras, e ações, desempenhe retamente seu ofício, dispondo todo recurso a serviço da persuasão do *uerbum dei*: convergindo a seu fim primeiro, semear a palavra de Deus, todo recurso retórico reta via perfaz.

Na quarta circunstância examinada, a ciência, é feito o elogio daquele que prega o seu, e não o alheio, e vitupério daqueles que a outros tomam de empréstimo as palavras que proferem; e, finalmente, na quinta circunstância, a voz, defende-se o estilo bradado de pregar, preceito que tem como princípio regerem-se os homens pelos sentidos, mais do que pela razão.

Muito boas razões do pouco fruto que se faz com a palavra de Deus

18. "As objeções ao maneirismo no contexto religioso chegaram a um ponto decisivo e uma consequência disso foi o pronunciamento do Concílio de Trento, em 1564, em que os propósitos religiosos humanísticos e, sem dúvida, estéticos se fundiram na condenação da 'elegância supérflua' das pinturas na Igreja". SHEARMAN, H. *O Maneirismo* São Paulo, Perspectiva. (p. 176).

19. "Com efeito, a inversão da relação clássica (e barroca) entre a forma e o conteúdo era um resultado natural da normalização das condições do patronado por volta de 1520, em virtude da qual importantes obras foram encomendadas como simples amostras da virtú de seu criador - sendo o tema tão pouco importante que muitas vezes nem era especificado". SHEARMAN, H. *O Maneirismo*. (p. 169, 170).

mostram as cinco circunstâncias do pregador examinadas a pessoa, o estilo, a matéria, a ciência, e a voz; não obstante, após a defesa de cada uma das melhores vias, refere-se possibilidade de persuasão bem sucedida por meio de procedimento contrário ao prescrito. E o que se verifica, por exemplo, no trecho acerca da circunstância da pessoa, onde se faz o elogio daquele que prega também com ações. Esse mesmo argumento, que engrandece o bom pregador, não serve, contudo, ao vitupério de Jonas, pois não obstante “desobediente, contumaz, e, ainda depois de engolido e vomitado, iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso e mais zeloso e amigo da própria estima que da honra de Deus”, afirma-se que o mesmo Jonas é o homem que “com um sermão converteu o maior rei, a maior corte e o maior reino do mundo, e não de homens fiéis, senão de gentios e idólatras” (p. 17).

Referindo sempre, ao lado da circunstância prescrita, via possível de persuasão por meio de procedimento inverso ao elogiado, alerta-se, a cada passo, que outra deve ser a causa que se busca; ao concluir, finalmente, o exame da última, declara-se então que “a causa de não fazerem hoje fruto os pregadores com a palavra de Deus, nem é a circunstância da pessoa: **qui semināt**; nem a do estilo: **seminare**; nem a da matéria: **semen**; nem a da ciência: **suum**; nem a da voz; **clamabat**”. Excluída cada uma das circunstâncias cuidadosamente examinadas, pergunta-se: “pois se nenhuma destas razões que discorreremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos, finalmente, que é a verdadeira causa? (p. 29)”, questão que dá lugar à conclusão de que a causa que se busca é não ser pregada em seu “verdadeiro sentido” a palavra de Deus.

Apontando sempre duas vias possíveis para o persuadir, em **confirmatio** e **refutatio** que, acerca de uma mesma questão, referem os lugares próprios ao elogio e ao vitupério, o procedimento surpreende porque sempre fidelíssimas à causa jesuítica se mostram as melhores vias apontadas. Com efeito, difícil é encontrar por retor latino exemplo prescrito desse uso, pois dele freqüentemente se lê a proscricção: “**confirmatione et confutatione utemur nostris locis, quos ante ostendimus, contrariis confutandis**”²⁰. Tal reparo serve somente à amplificação da questão: por que, depois de eximidos Deus e os ouvintes da causa que se busca e declarada expressamente a culpa dos pregadores, quando se examinam as circunstâncias que lhes dizem respeito, toda consideração é seguida de exemplo que não a confirma?

20. ANONIMO. *Rhétorique à Herennius*. Paris, Librairie Garnier, s.d. (III.IV.8). Quintiliano, por sua vez, ao discorrer sobre o uso de exemplos, não faz proscricção explícita desse uso. Há, contudo, uma passagem acerca da narração que explica a razão de tal ausência, pois troça exatamente da pretensa sagacidade daqueles que se empenham numa recomendação tão óbvia: “haec sunt, quae credibilem faciant expositionem; non id quidem, ne qua contraria aut repugnantia in narratione dicamus, si cui praecipendum est; is reliqua frustra docetur, etiam si quidam scriptores artium hoc quoque tanquam occultum et a se prudenter erutum tradunt”. QUINTILIANO. *Institution Oratoire*. (IV.II.60).

Embora surpreenda, não se fará estranha tal prática, se à luz do século XVII for examinada, visto que se pode encontrar minuciosa descrição de procedimento que muito se assemelha ao do sermão em manual escrito por um jesuíta. É Baltazar Gracián quem aconselha a que “de ordinário se va cortando a los principios del discurso, y al fin se ata. Va con suspensión el auditorio aguardando en qué ha de venir a parar, que es más arte que el declararse luego al principio, y así de más gusto, como sucede in los empenos, que cuanto más se van dificultando, se goza más la acertada salida”. Ou, por outra: “es grande eminencia del ingenioso artificio llevar suspensa la mente del que atiende, y no luego declararse; especialmente entre grandes oradores, está muy valida esta arte. Comienza a empenarse el concepto, deslumbra la expectación, o la lleva pendiente y deseosa de ver dónde va a parar el discurso, que es un bien sutil primor, y después viene a concluir con una ponderación impensada”²¹.

Referindo sempre possível via inversa à que prescreve o mais reto persuadir da palavra de Deus, o procedimento dificulta a questão, a fim de, pela dificuldade que cria, captar dos ouvintes a atenção desejosa de ver onde vai parar o discurso. Dificultando para que surpreenda a acertada saída, a suspensão só no desfecho se desfaz: a prescrição final do “verdadeiro sentido” em que devem ser ditas as palavras entra, pois, a título de “ponderación impensada”, que vem “atar” o que antes se vinha “dificultando”. Desse modo, posto que viáveis se apresentem algumas, só as melhores vias apontadas conduzem acertado caminhar da revelação da verdadeira palavra de Deus, visto que são melhores e que em seu lugar se encontram apenas a esperar regulador desfecho, momento em que se cristalizam únicas, retas vias com quaisquer outras impossíveis. A declaração final, em que se prescreve “sentido verdadeiro” do *uerbum dei*, garante a possibilidade de conhecimento e propaganda da divina vontade, por meio de sua palavra; quem deve estar capacitado a desempenhar tal empresa, e de que maneira, só a reta via pode conduzir.

À luz de tão suma causa (dizer o *uerbum dei*, em seu verdadeiro sentido), as melhores razões do persuadir ordenam-se enfim diferenciadas, retas ou torcidas; e, se desde o início anuncia o pregador que é “uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso depois que subo ao púlpito” (p. 9), dúvida a cada passo do sermão amplificada, não se deve por isso entender que se encontre o pregador indeciso ao escolher a melhor via a ser tomada. A dúvida expressa é procedimento retórico antigo²² e, se considerada

21. GRACIAN, B. “Agudeza y Arte de Ingenio”.

22. “Rufin. 9 aporia. eadem est diapóresis, addubitatio quaedam, cum simulamus quærere nos, unde incipiendum, ubi desinendum, quid potissimum dicendum rem omnino dicendum, cumque artificialiter simulamus nos ibi res inuenire, non paratos inuenisse; eqs. (...); Schem, dia, 32 diapóresis, addubitatio aliquarum difficultatum, cum nos uolumus uideri dubitare; Cicero quo me uertam nescio”. LAUSBERG. *Manual de Retórica Literária*. (pf. 776, Tomo II).

à luz do século XVII, perfeitamente adequada se mostra ao discernir no sermão a melhor via humana para a revelação da palavra divina: "é típica do barroco a dúvida hiperbólica como dramatização da certeza, pela oposição motivada quase sempre entre o insondável da providência e a pequenez do entendimento humano"²³.

A **dispositio** agudíssima no uso que se faz dos argumentos é exemplo da ausência de clareza que no exame do estilo da pregação se condena; "azulejando" os lugares próprios ao elogio e ao vitupério, não há, com efeito, um só lugar que não esteja "em fonteira com o seu contrário". Tal procedimento se justifica, no entanto, pelo efeito a que visa: evitando a distração, a **dispositio** aguda conduz em caminho seguro a atenção do ouvinte, que não se desvia, pois, da reta via em que o sermão se empenha. Inteiramente inadequada na disposição seria portanto a clareza, ao desfazer a suspensão do auditório. Recurso seguro do sermão que intenta a persuasão eficaz da palavra de Deus, a agudeza na disposição arrasta o ouvinte distraído ao fim de todo reto sermão, justificando-se, pois, enquanto recurso que sem clareza, deve ser empregado.

Operada pela dúvida e por agudíssima **dispositio** que encenam a oposição entre a conduta do pregador e o sumo fim a que se destina, não se deve imaginar, contudo, que essa dramatização da certeza seja procedimento que tem como causa precípua instruir o "sentido verdadeiro" da palavra de Deus. Nunca apenas edificante, o fim a que se dirige todo o trabalho de exegese dessa verdade é sempre o de arrastar a uma ação. E o que se pode verificar, com efeito, na longa argumentação que o pe. Vieira opera para justificar "não fabulosa senão verdadeira" sua **História do Futuro**²⁴, texto em que se encontra claríssima exposição do que seja o "sentido verdadeiro" em que devem ser ditas as palavras de Deus.

Dada a diferença de gênero entre os dois textos (ambos embora deliberativos), no **Sermão da Sexagésima** tal sentido é somente pouco antes da peroração prescrito, dadô entrar a título de "ponderación impensada", cuja função é, como se viu, "atar" o que antes se vinha dificultando. Na **História do Futuro**, diferentemente, trata-se de fundamentar interpretações dos textos sagrados inteiramente desconhecidas da tradição (como um Quinto Império terrestre, cuja consumação estaria destinada pela Providência a Portugal), fazendo-se, pois, mister clareza e copiosidade na exposição e disposição dos argumentos, a fim de que, convencidos dos até então insuspeitadíssimos desígnios divinos, lancem-se os portugueses a empreender ações e guerras que os conduzam a tão elevada missão.

23. HANSEN. J.A. **A Sátira e o Engenho**. (p. 203).

24. VIEIRA, pe. A. **História do Futuro**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

De acordo com a **História do Futuro**, tal "sentido verdadeiro" das palavras de Deus é propiciado conforme a ocasião; a interpretação dos textos sagrados deve, pois, ser operada diferencialmente em cada circunstância: "todo intento dos Padres Antigos era o de provar a verdade da Encarnação do Filho de Deus (...). E como esta era a guerra e conquista daqueles tempos, todas as armas da Sagrada Escritura se forjavam para esta resistência. E como isto era só o que buscavam para escrever, isto era o que só achavam (p. 180,1). Armas de guerra²⁵, as palavras da Sagrada Escritura devem ser forjadas conforme a conquista em que se empenha, oportunismo que em nada fere a verdade divina, pois é a própria Providência que se encarrega de revelá-la apenas oportunamente: "nas Escrituras dos Profetas há cousas de tal modo fechadas e seladas, que ninguém as pode entender nem declarar, até que chegue o tempo determinado pela Providência, o qual tempo determinado é o único que tem o poder para romper os sigilos" (p. 155). A verdade é, pois, para o pe. Vieira, a adequada aplicação, em momento adequado, de um saber oportunamente revelado: fruto de ocasião cuja validade é a própria propriedade de aplicação²⁶.

No caso do **Sermão da Sexagésima**, tal adequação se faz em dois momentos: na ocasião em que é proferido, e na ocasião em que é publicado. Na primeira, a conquista e guerra se empreendiam contra os dominicanos; os exemplos do sermão contrapunham, então, expressamente, o bom pregador (jesuíta), ao mau (dominicano), referências excluídas na versão **princeps**. Na segunda, os ataques se dirigem aos próprios jesuítas que então gozavam de prestígio na Corte de D. Pedro, na qual o pe. Vieira já perdera o ofício de pregador régio que desfrutara na corte de D. João IV²⁷.

25. É comum, nos tratadistas de então, encontrar-se o vocabulário bélico a designar procedimentos retóricos, ou a comparação entre a empresa bélica e a retórica. Entre outros exemplos, leia-se em Gracián: "valiões más a muchos campeonos tal vez una agudeza que todo el yerro de sus escuadrones armados, siendo premio de una agudeza una victoria". GRACIAN, B. "El Heroe". in **Obras Completas** (Primor III, p. 10).

26. Importa notar que, não obstante se refira ao contingente, esta verdade é divina, não se enquadrando portanto na clássica distinção aristotélica entre um saber "político" e um saber "teórico" (AUBENQUE. **La Prudence Chez Aristote**); para o pe. Vieira, a prudência é um saber que, com ser político, prescreve universalidade: lutar e conquistar o Quinto Império é útil a todos e em qualquer circunstância.

27. "O ataque a certos pregadores, que em 1665 causara burburinho e polémica, foi certamente atenuado na sua virulência mais concreta e individuada, quando da posterior impressão no t. 1 dos **Sermoens** (1679). A esta luz ganha pertinência a exclusão, na versão **Princeps**, da contraposição entre o pregador jesuíta (bom exemplo) e o dominicano (mau exemplo), que existia no final das lições manuscritas do sermão, e também a evocação de S. Francisco de Xavier e S. Francisco de Borja, dois jesuítas (um da missão e outro da corte), em vez de S. Domingos e S. Francisco de Assis (no cap. 10). Como se Vieira, à data da publicação, visasse menos os dominicanos e mais os próprios jesuítas da corte de D. Pedro". VIEIRA, M. **A Oratória Barroca de Vieira**. (p. 195,6).

Ao prescrever o “verdadeiro sentido” da palavra de Deus, o maquinário sacro do pe. Vieira delimita-se enquanto fala e de outra se diferencia: só a sua é a reta via. Visando ao mover que arraste à ação, ativa a máquina e fere o ouvinte: é ao entendimento deste que se visa na evidenciação da melhor via humana que retamente conduza a Deus, pois o torto, torcido e alheio sentido da palavra divina a todo instante tenta o homem. Via única, reta e acertada, é a correção dos costumes que o sermão se propõe a fazer, como na peroração se deixa claro, desengano dos ouvintes já nas primeiras linhas do exórdio anunciado: “semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós” (p. 37).

O mover prescrito na peroração é dito o que reforma, e não o que se produz em fala especialmente dirigida para agradar: “dessoutros conceitos, dessoutros pensamentos, dessoutras sutilezas que os homens estimam e prezam, dessas não se teme nem se acautela o diabo” (p. 37). Retoma-se mais uma vez a questão da agudeza, cujo deleite é condenado: se se quer mover, que seja pelo entendimento da via reta, sempre clara, e não pela palavra que, “a motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar jasmíns, a tocar primaveras, e outras mil indignidades mais” (p. 34), maravilhe.

Se se prescreve mover que, sem agradar, reforma, não se deve considerar, no entanto, que todo deleitar seja condenado pelo sermão. O deleite que se proscribe é certamente aquele que de seu fim se dissocia: com efeito, se não se lê do **delectare** defesa expressa em preceito claro, há, contudo, o sermão a desempenhá-lo, como se viu, por exemplo, na **dispositio** agudíssima da qual se serve.

Por meio da alegoria factuál, que dá sentido ao Livro do Mundo porque referência à essência divina, prescreve-se a razão do reto pregar, fala que não se traduz em metaforização hermética, ou obscuro ladrilhar; razão histórica, a fala também desta não se ausenta, adequando-se à guerra e conquista da ocasião; desempenhá-las empreende-se que deliberem os ouvintes, adequando-se pois a eles a fala, decoro externo ao ato de enunciação. Ensinando a doutrina em tom que assemelha a **res**, causa suprema no caso, Deus, às **uerba**, empenha-se o sermão no mover que arraste à ação, deliberação que conduz à única via reta, a sua, sem deixar todavia de deleitar, arma que fere o auditório, capturando-o a sua razão. Tendo por finalidade mover (conversão ou da fé conservação), o maquinário firma o poder da Igreja visível na Tradição, azeitando suas engrenagens para que melhor sirvam aos três objetivos (**mouere**, **docere**, **delectare**) em que se divide aquele que da Retórica é sempre o precípua: persuadir.